

Ensínamento da Parashá

Uma História

Há uma história que o Lubavitcher Rebe gostava de contar, sobre um menino de cinco anos e um homem de 99. Esse menino mais tarde se tornou um Rebe e o homem de 99 anos de idade viveu 36 séculos antes e seu nome era Avraham e foi o primeiro judeu.

A história é assim:

Por ocasião de seu quarto ou quinto aniversário, o menino veio visitar seu avô. Ao entrar na escritório do avô, a criança desatou a chorar. Seu professor havia ensinado a leitura da Torá daquela semana, Vaierá, que começa: "E D'us revelou-Se a Avraham..." "Por que", soluçou a criança, "D'us não Se revelou para mim?"

Ao que o Avô replicou: "Quando um judeu, um justo, percebe aos 99 anos de idade que deve circuncidar a si mesmo - que deve continuar a aperfeiçoar-se - merece que D'us Se revele a ele."

Acho que sei por que o Rebe gostava tanto desta história. A pergunta da criança e a explicação do avô expressam dois extremos, cujo contraste e síntese são uma característica da atitude que nós devemos ter para com a vida.

Imagine: um menino de cinco anos soluçando porque D'us não Se revelou a ele! "Ver" D'us - para atingir uma visão consumada da Verdade das Verdades - é o propósito supremo de cada busca espiritual. É um objetivo que pode demorar ao mais notável dos notáveis pelo menos uma vida para conseguir. No entanto aqui temos uma criança - que ainda está no início de sua jornada espiritual - e que se preocupa, a ponto de chorar, pelo fato de que ainda não conseguiu seu objetivo!

E por outro lado temos um homem que tem 99 anos das mais extraordinárias conquistas espirituais a seu favor, que reconhece ainda não ser perfeito - que deve continuar a mudar, crescer e aperfeiçoar-se.

O Rebe viu estes dois protótipos não como visões de vida conflitantes, mas como complementares e indispensáveis um ao outro. Lutar pelo definitivo, e ao mesmo tempo nunca sentir que chegou. Ter imensas aspirações, e mesmo assim permanecer humilde e desprezioso. Dizer: eu quero, e posso, fazê-lo - e no entanto, não importa quanto conseguiu, saber que ainda há mais para fazer.

E uma Lição

Paradoxalmente, quanto mais pessoal é a jornada, mais necessitamos de auxílio e conselhos.

Um senso de direção bem desenvolvido pode nos guiar através do sistema de estradas mais complicado; um senso social perspicaz pode negociar as políticas mais complicadas; nossos dados e padrões de aprendizagem facilitam nossa busca de novos campos de estudo. Mas quando procuramos um caminho para o interior de nós mesmos, o conhecimento e as habilidades de uma vida inteira invariavelmente tornam-se subitamente ineficazes. Encontramo-nos nas trevas, sem outro recurso que o de chamar nosso Criador: "D'us, quem sou eu?" clamamos. "Dá-me uma pista, diga-me por que me fizeste e para onde devo ir?"

Este paradoxo está implícito na primeira instrução registrada na Torá para o primeiro judeu. Quando Avraham recebe ordens de "Vá por si mesmo," este homem engenhoso e auto-suficiente é ordenado a deixar de lado seus talentos inatos ("tua terra"), a personalidade desenvolvida em sete décadas e meia de interação com seu mundo ("teu local de nascimento"), e a sabedoria descoberta e formulada através de sua experiência de vida ("da casa de teu pai"), e seguir "cegamente" D'us até "a terra que Eu te mostrarei."

Em nossas jornadas externas, nosso conhecimento, talentos e personalidade são as ferramentas com as quais exploramos o mundo além de nós. Mas ao buscarmos nosso verdadeiro "eu" para poderemos cumprir nossa missão, nossas ferramentas - que constituem a visão de um "eu" exterior e auto-imposto por si mesmo - oculta tanto quanto revela, distorce ao mesmo tempo em que ilumina.

Empregamos estas ferramentas em nossa busca - não possuímos outras. Porém se nossa jornada

deve levar à quintessência do "eu", ao invés de algo ilusório, deve ser guiada por Ele, que nos criou à Sua imagem, e esboçou o projeto de nossa alma em Sua Torá. É aqui que encontramos a revelação de Dús a Avraham no início de nossa porção semanal. A lição que fica é que depois de não termos medo de vencer nossos obstáculos pessoais, devemos saber que a verdade somente se alcança através do caminho de Hashem e que somente a Ele cabe nos revelar o que e quando e de que forma apropriada mereceremos.

Assim como Avraham mereceu aos 99 anos, nós que nascemos com um grande pedaço do caminho já percorrido, uma vez que a Torá já foi recebida pela geração que saiu do Egito, devemos saber que a Providência Divina e a Shechiná nos acompanham de uma forma muito mais próxima e revelada devido especialmente ao mérito de nosso Patriarca Avraham. Usemos de seu exemplo para nos refinar mais e aproximar a vinda da Gueulá Shelema veAmetit - Shabat Shalom!

Insight

Entre Homens e Anjos: Carne e Leite

Ao descrever a hospitalidade de *Avraham Avinu* com a visita dos anjos disfarçados de homens, a Torá declara: "*E tomou manteiga e leite e um bezerro e ele preparou para eles e ele os colocou na frente deles e ele estava parado junto a eles debaixo da árvore e eles comeram*" (*Gênesis, 18:8*). *Tossafot Chitzoniot* cita um *Midrash* que quando os anjos solicitaram receber a Torá, ao invés de *Bnei Yisrael*, *HaKadosh Baruch Hu* respondeu que não eram merecedores - pois até mesmo crianças de jardim sabem que se deve lavar as mãos entre o consumo de laticínios e carne. E quando os anjos visitaram *Avraham Avinu*, eles comeram produtos lácteos e carne juntos.

O *Chatam Sofer* observa que este *Midrash* parece contradizer a leitura simples do *passuk* (versículo): a Torá não indica que os anjos comeram carne e leite juntos, somente que eles consumiram a manteiga e o leite primeiro e carne depois. Portanto, está sugerido que os anjos "falharam por deixar de executar *kinuach* - a mastigação de outros alimentos sólidos - entre a manteiga e a carne.

Enquanto não se pode consumir produtos lácteos seguindo a carne sem um intervalo significativo entre eles (ver *Shulchan Aruch Yoreh Deah 89:1*), a carne tecnicamente falando pode ser consumida imediatamente após produtos lácteos (*Chulin 105*). No entanto, enquanto o *Shulchan Aruch* (Código de Leis *Yoreh Deah 89:2*) prescreve nenhuma restrição de tempo entre comer queijo e carne, existem três requisitos que devem ser cumpridos antes de continuar e começar a comer carne de uma forma geral. Primeiro, deve-se verificar que não há queijo aderido a suas mãos. Especialmente à noite, quando é difícil de verificar adequadamente, deve-se lavar as mãos. O *Shach* (89:9) registra que a prática comum, com base no parecer citado no Tur, é lavar as mãos da pessoa, mesmo no período do dia, pois é possível que possa não se perceber alguma coisa presa às suas mãos, mesmo na claridade do dia. Essa lavagem das mãos não precisa estar em conformidade com todos os requisitos para *netilat yadayim*. Porém de acordo com *Magen Avraham*, pode-se colocar as mãos dentro de um copo de água em vez de despejar a água sobre as mãos.

Além disso, deve-se realizar *kinuach* - mastigar alimentos sólidos - e *hadachah* - enxaguar a boca. Segundo o *Levush* (citado em *Badei Hashulchan 89:49*), *kinuach* serve para remover o sabor do queijo e *hadachah* serve para lavar para fora todos os pedaços de comida. Já o *Meiri* (*Chulin 104b*) sustenta que *kinuach* remove pedaços de queijo preso na boca. (Ele não requer *hadachah*).

O *Talmud* (*Chulin 105*) indica que se faz *kinuach* mastigando um pedaço de pão ou de qualquer substância alimentar, exceto farinha, tâmaras e vegetais verdes uma vez que eles tendem a ficar presos nos dentes molares. O *Pitchei Teshuvá* (89:5) cita um parecer (*Pri Toar 89:7*) que o indivíduo que executa *kinuach* deve engolir a substância que ele mastigou. O *Badei Hashulchan* (89:53) considera que para o *kinuach* ser eficaz o alimento deve ser mastigado e movido ao redor da boca e não apenas comido/engolido diretamente. Então o *Shulchan Aruch* regulamenta que *hadachah* pode ser feita com água, vinho, ou qualquer outro líquido. Já o *Shach* (89:13) escreve que a ordem de *kinuach* e *hadachah* é indiferente.

Detalhando

Portanto, observamos que a rigor pode-se consumir carne imediatamente após o queijo, desde que a pessoa lave as mãos e realize *kinuach* - mastigar alimentos sólidos - e *hadachah* - enxaguar a boca.

Porém, se uma pessoa não realiza *kinuach* e *hadachah*, quanto tempo ela deve esperar entre queijo e carne? O *Shach* (89:7) escreve que para aqueles que seguem o *minhag* do *Remah* (*ashkenazim*) devem esperar apenas uma hora entre comer queijo e carne e *kinuach* e *hadachah* não precisa ser realizada após

essa hora. Presumivelmente, então, se alguém espera por uma hora depois de comer queijo ele - pode continuar a consumir carne sem *kinuach* e *hadachah*. O *Aruch Hashulchan* (89:9) se refere a um *minhag* de esperar uma hora entre queijo e carne, mesmo com *kinuach* e *hadachah*. E o *Aruch Hashulchan* traz que este costume é baseado no *Zohar*, citado pelo *Beit Yossef*, que proíbe comer leite e carne na mesma refeição e na mesma hora. Ele traz que se a pessoa está preocupada com o *Zohar*, ele também deve recitar o *Bircat Hamazon* antes de continuar a comer carne. A *Mishnah Berurah* (494:16), citando o *Magen Avraham* (494:6) não requer *Bircat Hamazon*. E o Rabino Binyomin Forst (*Laws of Kashrus*, pg. 208) observa que alguns têm o costume de esperar por meia hora entre queijo e carne e ele acrescenta que a fonte de meia-hora não é clara.

Embora geralmente *kinuach* e *hadachah* são necessários e suficientes, há exceções tanto *l'kula* quanto *l'chumra*.

1. Leite

O *Rashash* (*Chulin 103 sv bamishneh*) observa que o *Talmud* deliberadamente emprega o uso de queijo e não de leite ao discutir o consumo de produtos lácteos e carne numa mesma refeição. Ele postula que, desde as pessoas bebem leite de um copo e não com as mãos, não é necessário lavar as mãos entre beber leite e consumir carne. E isso também vale para o queijo comido com um garfo. De forma similar, *kinuach* não precisa ser realizado depois de beber leite já que o resíduo de leite não ficar preso entre os dentes, e *hadachah* sozinha é suficiente. Já o *Rashash* parece para argumentar como o *Meiri* que o *kinuach* serve para remover resíduos de alimentos. E de acordo com o *Levush*, que sustenta que *kinuach* remove o sabor do queijo, este deverá ser aplicado ao leite também.

Rav Ovadia Yossef (*Yabia Omer Vol. 6 YD 7:1*) acha que o *Rashash* está correto pela *Halachá* e sugere que uma leitura cuidadosa do *Rambam* (*Maachalot Assurot* 9: 26) leva à mesma conclusão. Rabi Binyomin Forst (*As Leis de Kashrut*, p. 208) apresenta opinião do *Rashash* como a normativa legal. Mas o *Badei Hashulchan* (89:43) recomenda que sejamos rigorosos nesta matéria, notando também que no *Issur V'heter Ha'aroch* (40:8) se exige tanto o *kinuach* quanto o lavar das mãos depois do leite.

2. Queijo duro

O *Remah* (89:2) registra que a prática comum é a de se abster de comer carne depois de queijo duro pela mesmo período de tempo que se abstém de comer queijo depois de carne. Existem duas principais razões para se esperar um período de tempo significativo entre carne e produtos lácteos: segundo *Rashi* (*Chulin sv assur 105*), o sabor da carne permanece na boca por um período prolongado. No que o *Rambam* (09:28) justifica escrevendo que a carne tende a ficar presa entre os dentes e não pode ser removida de forma confiável mesmo com *kinuach* (veja *Taz 89: 1*). Ambas as razões podem ser aplicadas para o caso de queijo duro também.

O *Shach* (89:15) registra que o queijo duro é o queijo que tem envelhecimento por seis meses. O rabino Avraham Gordimer, da Divisão de Relatórios de Kashrut do OU (*Jewish Action Fall 2006*), afirma que o OU vê qualquer queijo que é dotado de uma "textura única ou gosto persistente" - como sendo qualidades de queijo envelhecido - como queijo duro. E aqui se inclui queijo parmesão, queijo suíço (referenciado no *Shulchan Hashulchan 89:10*) e queijo Cheddar envelhecido. [ver *Laws of Kashrus* pag. 209 ref. 96 para uma breve discussão sobre queijo duro derretido.]

Pérolas da Parashá

Esteja atento

Nunca deixe passar uma oportunidade de fazer uma *mitzvá*. Avraham correu para cumprimentar a estranhos, oferecendo-se para servir-lhes comida e bebida e pedindo-lhes para não partir sem aceitar sua hospitalidade. E suas palavras, "*por causa disso vocês passaram no caminho de vosso servo*". Por que ele use as palavras "*por causa disso*"? Avraham acreditava que os homens tinham sido enviados por Hashem especificamente para dar-lhe a oportunidade de realizar uma *mitzvá*. Assim, ele estava dizendo que você estão vindo para mim "*por causa disso*", ou seja, com o propósito de me permitir dar-lhes comida e bebida. Isso nos dá uma idéia da grandeza de Avraham; nunca lhe passou pela cabeça se queixar-de que os homens estavam causando-lhe problemas ou despesas em qualquer momento porque ele não estava se sentindo bem. Ao contrário, ele acreditava que eles estavam lá apenas para seu benefício, para dar-lhe a oportunidade de realizar uma *mitzvá*. Daqui podemos aprender que não devemos nunca deixar passar qualquer oportunidade para realizar uma *mitzvá*. (*Rabi D Feinstein*)

Gritando para o Céu

"*E D'us ouviu a voz do menino* [Ishmael]". O Kitzker Rebe perguntou como é que a Torá nos diz que D'us ouviu a voz

de Ishmael quando nós não temos nenhuma indicação de que ele havia gritado. Nos foi dito unicamente que sua mãe, Hagar, "*levantou sua voz e chorou*". Daqui podemos aprender que podemos gritar do fundo do nosso coração sem pronunciar uma única palavra. E esse grito pode penetrar o céu, subindo tão alto que é ouvido diretamente por D'us.

Verdadeira Modéstia

Apesar de que Abraão alcançou o nível elevado de ter D'us se revelado a ele, no entanto, sentou-se à porta da tenda e acreditava que ele não era digno de olhar para D'us. (Sefat Emet).

Modéstia verdadeira

Abraham considerava cada pessoa como superior a si mesmo, pois como lemos "*esses homens*" ficaram por "[ou "*acima*"] dele. E o teste para saber se um mandamento é feito corretamente é se o seu cumprimento nos faz sentir mais humilde e não mais vaidoso. (*Mikra Meforash*).

A Importância da Hospitalidade

O modelo de comportamento de Avraham nos ensina, como ensinado por Rabi Iehuda no Talmud, que "*hospitalidade a convidados é maior do que reverenciar a Presença Divina*" (*Shabat 127*)

Reciprocidade

A maneira como nos comportamos é a maneira como seremos tratados. Abraão disse: "*Eu vou buscar um bocado de pão*", se referindo aos convidados, e D'us deu o maná ao Povo Judeu durante quarenta anos no deserto. (*Mechilta, Beshalah*).

Abrir nossos olhos

"*E D'us abriu os olhos (de Hagar) e ela viu um poço de água*". Rabi Biniamin disse: "*Todos são presumidos estar cegos até que D'us abre seus olhos*". O *Chidushei Ha-Ram* disse que podemos deduzir que o que precisamos está sempre disponível para nós, mas temos de ter a sorte de ter D'us a abrir nossos olhos para que possamos ver o que está ao nosso redor.

Uma lição em Hospitalidade

"*Ele [Avraham] tomou manteiga e leite... e colocou-os diante deles*". O *Chidushei Harim* comenta que devemos aprender com Avraham o significado de hospitalidade - apesar do fato de que ele era um profeta, com 100 anos de idade e estava doente porque estava apenas 3 dias depois de sua circuncisão, ele insistiu em servir seus convidados pessoalmente.

Quando o homem se coloca acima dos Anjos

"*E [Avraham] tomou manteiga e leite e colocou-os ante [os anjos] e ele estava parado [em pé] junto a eles e eles comeram*". Inicialmente os anjos estavam em pé juntos dele, agora as posições se inverteram. Pois, quando Avraham estava sentado à porta de sua tenda, os anjos, naturalmente, se erguiam sobre ele em grandeza espiritual. No entanto, uma vez que ele estava envolvido em uma *mitzvá* (ou seja, a hospitalidade), ele "*parou sobre os anjos*", cuja grandeza é natural e não suscetível à tentação. Em outras palavras, ao fazer uma *mitzvá* de todo o coração, nos elevamos acima dos anjos. (*Rebe de Belz*)

A importância do auto-sacrifício

"E D'us disse: 'Hei de esconder de Avraham o que eu pretendo fazer?'" O *Chatam Sofer* deriva um princípio importante a partir deste verso: o nível de profecia de Abraão não justifica que ele soubesse tudo o que D'us estivesse planejado. Mas, ele não atingiu esse nível só porque ele sacrificou muito de seu tempo para os outros. Ao contrário, sua hospitalidade constante e sempre pregando sobre D'us o impediram de realizar o crescimento espiritual e pessoal que seu potencial opermitia. em outras Palavras, dedicado-se aos outros, Avraham sacrificou seu próprio progresso espiritual. Portanto, D'us diz: "*hei de negar-lhe a profecia por causa de sua bondade?*" Dois versículos mais tarde, D'us reconhece explicitamente o mérito de Avraham: "*ele irá instruir seus filhos ea sua casa depois dele e eles vão observar o caminho de D'us*". Assim, D'us revelou a Avraham o que pretendia fazer. O *Chatam Sofer* conclui dizendo que cada um de nós deve compartilhar o nosso tempo e conhecimento, mesmo à custa de nosso próprio benefício particular, assim como foi o exemplo de nosso patriarca Avraham.

Educação

"Porque o conheci, e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno, para fazer caridade e justiça..." Assim como é obrigatório a cada judeu, do mais notável erudito até o homem mais simples, colocar tefilin todos os dias, do mesmo modo há um dever inequívoco que paira sobre todo indivíduo: o de separar meia hora todos os dias para pensar sobre a educação de seus filhos. (Rabi Sholom Dovber de Lubavitch)

Haftará

Uma lição de fé

A Haftará desta semana revela-nos uma dimensão incrível de fé e seu resultado surpreendente. De profundo agradecimento à hospitalidade de uma senhora Shunamita é que faz com que o Profeta Elisha prometa que ela teria um filho. Esta previsão surpreendente levantou grande preocupação devido ao seu estado idoso juntamente com sua incapacidade física de ter filhos. Na verdade, ela sentiu alguma reserva nas palavras de Elisha e expressou seu forte desejo de que a criança viva uma vida plena e saudável. (Veja o comentário do Malbim para 4:14,16) Elisha então responde, repetindo sua promessa e prevê a data de nascimento de seu filho. Sua promessa foi cumprida e ela deu à luz a um menino na data exata prevista. Quando o rapaz cresce, acontece uma tragédia repentina na qual ele fica seriamente doente e morre logo depois nos braços de sua mãe. A senhora Shunamita não se desespera e imediatamente viaja até Elisha. Após sua chegada, ela calmamente o lembra de sua promessa, quando então Elisha ordena a seu servo que corra para a casa de seu filho imóvel. Elisha ora para Hashem e aquece o corpo do menino e Hashem responde e devolve a criança à vida.

Ao ler estes pessukim, somos surpreendidos pela forma como a Shunamita lida com o passamento súbito de seu filho. As escrituras registram sua resposta e estado de espírito: "Ela se levantou, colocou a criança (morta) na cama do profeta, fechou a porta e saiu" (4:27). Não há menção aqui de qualquer explosão emocional, grito de desespero ou sensação de tristeza ou angústia. As escrituras continuam a relatar com que calma ela pediu um burro e informou ao marido que estava viajando para o profeta em uma jornada pacífica. Mesmo depois de chegar à porta de Elisha, ela afirmou que tudo em casa estava em ordem. Apenas após ser introduzida é que ela fez alusão a sua promessa e informou a gravidade de sua situação.

Todo esse episódio revela uma força incrível de caráter da Shunamita enraizada na sua fé total em Hashem e Seus profetas. Ela exibiu um grau sem precedentes de confiança levando em consideração as impossibilidades físicas dentro do reino da realidade. Sua convicção em Hashem era tão forte que ela sinceramente antecipa o acontecimento de um milagre de maiores proporções. Pois ela simplesmente se recusa a aceitar que a vida milagrosa de seu filho acabe tão cedo. Ela raciocinou que, se Hashem desafiou Suas regras da natureza para dar-lhe um filho, Ele poderia também mudá-las para devolver a vida dele. E desde que Hashem aceitou o primeiro pedido de Elisha para um milagre, era concebível que aceitasse um segundo pedido para outro milagre. Portanto, com total convicção ela calmamente aguardava uma experiência quase sem precedentes - o renascimento de seu filho morto. De fato, Hashem recompensa ela por esta fé perfeita e ela merece testemunhar uma das maiores revelações de Hashem de todos os tempos.

Resta-nos a pergunta: De onde ela desenvolveu essa fé e convicção? Embora saibamos que a habilidade de D'us é ilimitada também estamos cientes da improbabilidade de seu plano mestre para o mundo ser alterado. O renascimento dos mortos é uma experiência reservada, na sua maior parte, para o fim dos tempos e não deveria acontecer antes disso. Antes da Shunamita, este milagre da história mundial só aconteceu para duas pessoas: a nosso Patriarca Itzchak durante a Akeida e ao menino Tzorfati reavivado pelo Profeta Eliahu. (Ver Pirkei de Rabi Eliezer DR '31, em Melachim 17:22) Portanto como poderia esta mulher Shunamita sonhar que tal ocorreria e mais como ela acreditaria que isso iria acontecer com seu filho?

Pode-se sugerir que ela tirou sua força a partir de uma lição da Porção da Torá desta semana. Aqui lemos sobre três viajantes comuns que informam a nosso Patriarca Avraham que sua esposa, Sara, ter-

ia um filho. Sara, uma senhora estéril de 90 anos de idade cujo marido também está bastante idoso, não valorisa muito essa previsão. Na verdade, ela achou as palavras dos viajantes um pouco engraçadas e riu-se da noção de conceber uma criança em sua idade avançada. Hashem repreende ela e diz: "Por que Sara ri dizendo: Posso dar a luz quando eu estou tão velha?" E Hashem continua e diz: "Alguma coisa está fora do alcance de D'us?" (Bereshit 18:14).

Ora podemos ficar um pouco confusos com este diálogo, pois a resposta de Sara meramente refletia a improbabilidade da realidade para ter filhos com a sua idade idosa. Por que ela, fisicamente incapaz de dar à luz e bem já passando desse estágio, lhe caberia um fenômeno de voltar a sua juventude? Ora Nachmanides comenta isso em perspectiva e nos lembra que esta previsão veio de três anjos disfarçados de árabes comuns. Nossa Matriarca Sara estava totalmente inconsciente de sua verdadeira identidade e, aparentemente, respondeu de uma forma adequada. Ela certamente apreciou a sua bênção, mas há muito tempo havia desistido de considerar tais possibilidades. Nachmanides pergunta: por que então Hashem a culpa e repreende por causa de uma resposta natural e lógica?

E a resposta é que a fé de Sara em Hashem deveria ter ultrapassado tais limitações físicas. Com seu nível de conhecimento, ela deveria ter considerado a possibilidade de o quase impossível ser palpável. Ela deveria ter acreditado que tais milagres realmente podem acontecer ou responder, pelo menos, desejando que Hashem desejasse que assim fosse. A compreensão profunda de Sara dos caminhos de Hashem deveria mesmo ter dado espaço na sua mente para as mais remotas das possibilidades. Ela certamente sabia que Hashem poderia fazer qualquer coisa e deveria ter considerado ansiosamente o cumprimento dessa bênção. (Nachmanides em Bereshit 18:15). E foi assim que o fez a Shunamita.

País e Filhos:

1. Qual o único verso no Tanach que relata o orgulho de Sodoma, a riqueza, preguiça, egoísmo e indiferença para com o sofrimento dos outros?

Em transmitir a palavra de Deus condenando os filhos de Israel na época da destruição do Primeiro Templo nas mais severas condições - Iechezkiel compara-os com o povo de Sodoma. "*Eis! Este foi o pecado de Sodoma, tua irmã: soberba, e abundante de pão e uma abundância de ociosidade na mesma e em suas filhas, nem olha para o lado dos pobres e necessitados*". (Iechezkiel 16:49)

2. Por que, de acordo com o (a) Ibn Ezra e (b) Seforno, D'us faz testes as pessoas?

Ibn Ezra (22:1) explica que, apesar de que D'us sabe o que as pessoas vão fazer no futuro, D'us testa-as para aumentar a sua recompensa Divina por ter conseguido. Seforno (para o mesmo versículo) explica que D'us dá teste as pessoas para dar-lhes oportunidades de se tornarem pessoas espiritualmente maiores pela experiência de terem tido sucesso. Ele prossegue afirmando que a realização de um potencial para a prática real é um estágio de elevação do homem, que sua imagem deve ser como a de D'us, que transforma o potencial em ação.

3. A onde na Haftará se aprende do comentário de Rashi que: "Uma pessoa só pode experimentar o milagre do sucesso espetacular no negócio só se ele começar por colocar algo de valor dentro dele - mesmo que pequeno."

Elisha pede a mulher destituída de um dos profetas "o que você tem em casa?" (Melachim II 4:2) implica que o milagre da multiplicação de qualquer coisa (neste caso o óleo) precisou de pelo menos alguma coisa do mesmo para começar. Neste caso, o primeiro item de valor veio da mulher necessitada - ou seja, sua posse exclusiva do pequeno recipiente de óleo. E sobre isso, o texto registra o espetacular "sucesso do negócio".

4. A onde na Haftará se aprende do comentário de Rashi que: "Uma pessoa não deve chamar a atenção desnecessária a um milagre que veio por meio dele".

Elisha especifica que o milagre do óleo teria que ocorrer a portas fechadas ... "*modéstia demonstra respeito ao milagre*" (Rashi em 4:4)

5. De que comentário de Rashi na Parashá pode-se aprender: Às vezes você pode contar uma mentira para manter a paz?

O riso de Sara em ouvindo um anjo dizer a Avraham que ela iria dar à luz, apesar de sua idade avançada incluiu as palavras "*meu marido é velho*" (Bereshit 18:12). Quando D'us relatou sua reação a Avraham, Ele mudou a referência de seu marido para si mesma - "*Eu (Sara) sou velha*" (Bereshit 18:13)

6. De que comentário de *Rashi* na *Parashá* pode-se aprender: Não julgar antes de verificar todos os fatos?

D'us afirmou que ele mesmo iria "*descer e ver*" (*Bereshit 18:21*) se o povo de Sodoma era tão mau quanto ele parecia ser. Mesmo que Sua Presença está em toda parte, Ele especificamente verifica os fatos, por assim dizer, para dar o exemplo aos juizes humanos para agir da mesma forma. (comentário semelhante ao em *Bereshit 11:05* na narrativa da Torre de Babel)

7. De que comentário de *Rashi* na *Parashá* pode-se aprender: Primeiro a vida, depois a propriedade!

Lot '*demorou*' - para salvar a sua propriedade (*Rashi em 19:16*). Os anjos expulsaram à força Lot e sua família com as seguintes palavras: '*fugir para salvar sua vida*' - o que implica que os bens ficaram para trás (*Rashi em 19:17*).

Histórias do Rebe

Como seguir o exemplo?

"A maneira de D'us, de fazer tzedacá e justiça" (*Bereshit, 18:19*)

Qual é o significado do versículo: "*Você deve caminhar após o Eterno teu D'us*"? É por acaso possível para um ser humano andar após o Divino, que é descrito como um "*fogo devorador*"? Mas o significado disso é seguir aos atributos de D'us:

D'us veste o nu, como está escrito: "*E Deus fez para Adão e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu*" (*Bereshit 3:21*), de modo que você deve, também, vestir os nus.

D'us visita os doentes, como está escrito: "*E D'us apareceu-lhe na planície de Manre*", assim que você deve, também, visitar os doentes (*Bikur Cholim*).

D'us conforta os enlutados, como está escrito: "*E sucedeu que depois da morte de Avraham, que D'us abençoou a Itzhak seu filho*" (*Bereshit 25:11*), assim que você deve, também, confortar os enlutados.

D'us enterra os mortos, como está escrito: "*E o sepultou no vale*" (*Devarim 34:6*), assim que você deve, também, enterrar os mortos. (*Talmud, Sotah 14a*)

Não a Injustiças

Porquanto o clamor [das vítimas] de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito (*Bereshit 18:20*)

Em Sodoma foi decretado: "*Quem der um pedaço de pão para um mendigo ou estranho deve ser queimado na fogueira.*"

Plotit, a filha de Lot, foi casada com um dos principais cidadãos de Sodoma. Um dia, ela viu um mendigo faminto na rua e sua alma ficou muito triste. O que ela fez? Todos os dias quando ela ia tirar água do poço, ela levaria alguns dos alimentos de sua casa em seu cântaro e alimentaria o mendigo.

Mas o povo de Sodoma perguntou: "*E este pobre, como é que ele sobrevive?*" Eventualmente, o assunto tornou-se conhecido e ela foi levada para fora para ser queimada, e seus gritos subiram ao trono Divino. (*Pirkei de Rabbi Eliezer, cap. 25*)

SHABAT SHALOM